

REFLEXÕES SOBRE O ATO DE ESCREVER/SER

Ynah de Souza Nascimento*

GREVE NO COLÉGIO

Após reunião, a necessidade de um esclarecimento escrito aos pais dos alunos: uma comissão de professores apronta um documento que é lido para os demais.

Atenção de todos ao dito (e ao não-dito...).

Quando foi lido que os professores decidiram a greve, na Assembléia, por "maioria esmagadora", um comentário:

- Acho "esmagadora" uma palavra muito forte!

E, adiante, a sugestão de mudar outro trecho:

- Acho que "os professores aderiram à greve" não está bom, não demonstra nosso engajamento na luta. Por que não escrever "os professores decidiram participar da greve"?

Professora de Português, quis revelar o não-dito dessas afirmações - por que um termo é "forte" ou "fraco", num documento escrito? O que me impulsiona a escolher, dentre várias opções, a palavra adequada? (Há muito estudamos eixos sintagmático e paradigmático, mas e daí?).

E, continuando nossas dúvidas:

O que nós, professores de Português, vimos ensinando (?) em aulas de redação? Principalmente, o que estamos ensinando nós, professores engajados politicamente em defesa de propostas educacionais mais eficazes, como vivenciamos esse engajamento em sala de aula? Será que nos contentamos em FALAR SOBRE e esquecemos o FAZER COM?

Vejam. Repetimos aos alunos (e mais, escrevemos em suas redações) receitas do tipo: pense em seu leitor, seja claro e conciso, use vocabulário adequado (a quê?). Propomos exercícios "chamados" lingüísticos cujo objetivo único é treinar o aluno em ortografia, pontuação, concordância nominal, verbal etc. Fazemos tudo isto com

* UFPE-Colégio de Aplicação do Centro de Educação

a convicção de que proporcionamos ao aluno oportunidades de caminhar em direção à sua linguagem escrita própria; achamos estar preparando nosso aluno para as tais mudanças sociais...

Será que meu aluno saberia usar uma palavra "forte" ou substituir uma "fraca", se fosse necessário?

Quando digo ao meu aluno "pense em seu leitor", corro o risco de passar a idéia de quem escreve deve ser submisso a um futuro leitor, expressando apenas as opiniões que possam vir a agradar a esse leitor. Quem sabe esse "conselho" não explique a presença de períodos trucados - eu sei que meu leitor não concorda com minhas idéias (ou não quer que eu as divulgue publicamente), o que pode me levar a não expressar tais idéias de forma explícita (assim não corro o risco de ser entendido e criticado...).

Quando digo "seja claro e conciso" posso embutir o pensamento "escreva o óbvio, e pouco" (senão pode cometer muitos erros...). E aí haja clichês e lugares-comuns na redação... (autores que questionam tal fenômeno: ALMEIDA, 1986 E PÉCORA, 1983) (posso assim agir também para agradar ao leitor que imagino). A gente pensa que pedir ao aluno para pensar nesse leitor é contextualizar o ato de escrever, aplicando propostas lingüísticas atuais... Na realidade, não estamos muito longe daquele professor de um desses cursinhos de redação pré-vestibular que ensina aos alunos, segundo depoimento de um aluno meu do terceiro ano colegial, a não "se expor" na prova de redação do vestibular: se cair um tema polêmico, não seja a favor nem contra (muito pelo contrário...): assim, "você não desagrade ao professor que corrigir sua redação".

E os exercícios de seleção de vocabulário, separando em vidros esterelizados, palavras mais formais ou menos formais? Pra que servem?

E, se questionamos o trabalho com redação, por tabela, o trabalho com leitura deixa muito a desejar. Será que nos contentamos em perguntar "o quê, como, onde e por que" acontece o que está explícito? Será que tentamos ver com o aluno a relação entre os propósitos do autor e as formas gramaticais usadas no texto? Em que medida o explícito representa e desvela o implícito, nem o professor, às vezes, tem tempo de questionar; muito menos de trabalhar com os alunos que estratégias lingüísticas usar, na redação dos textos, para passar (ou esconder) o não-dito através do dito.

Quando presencio cenas do tipo que relatei, acho graça da posição "neutra" de alguns educadores; preocupo-me com as "didáticas e metodologias da vida" que teimam em afirmar a neutralidade das técnicas; e chove livro de técnicas de redação... (foge a esta proposta: BERNARDO, 1985). Ao mesmo tempo, questiono-me se, por trás do descrédito em que se encontram os cursos de Letras, não se pode apontar os interesses da ideologia dominante. Quanto menos gente aprender a ter domínio da linguagem menos gente haverá disputando o poder. E, se o aluno de Letras não aprende a desvelar o dito e o não-dito da linguagem, como poderá ensinar seus alunos a fazê-lo? Por isso, nossos alunos continuam a escrever para encher trinta linhas, continuam lendo para responder a perguntas factuais ou para estudar "gramáticas"... e nós, professores, falamos em mudanças sociais - mas

vamos à caça dos erros gramáticas que os alunos apresentam em suas redações

BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, Guido de. O professor que não ensina. São Paulo, Summus, 1986.
2. PÉCORA, Alcir. Problemas de redação. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
3. BERNARDO, Gustavo. A redação inquieta. Rio de Janeiro, Globo, 1985.